

ESCOLA: _____ DATA: ____/____/20____

NOME: _____ Nº ____ TURMA: _____

Grupo I

Para responderes aos itens que se seguem, vais ouvir um excerto de um programa televisivo dedicado aos inventores, concretamente o testemunho de um “homem da ciência”

<https://www.rtp.pt/play/p3150/e326653/sociedade-civil>

Nota ao Professor: do minuto 7:27 ao minuto 12:03

1. Para cada item (1.1. a 1.4.), seleciona a opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto que ouviste.

1.1. Fernando Afonso considera que o seu lado de inventor se manifestou

- (A) nos produtos que cria na sua empresa SERNIS.
- (B) em criança, na tentativa de imitar o seu pai.
- (C) por influência do pai, que, por ser inventor, o motivou a experimentar.

1.2. Segundo Fernando Afonso, as invenções resultam do facto de haver

- (A) quem consiga ver o que os outros não veem.
- (B) crianças curiosas que querem criar.
- (C) quem desenvolva as tendências de família.

1.3. As primeiras invenções de Fernando Afonso tiveram lugar em casa da família tendo em vista

- (A) a comercialização.
- (B) testar as suas capacidades.
- (C) a simples descoberta.

1.4. Na sua empresa, Fernando Afonso procura criar invenções que

- (A) tenham utilidade na sociedade.
- (B) o façam enriquecer rapidamente.
- (C) realizem os seus sonhos de infância.

Grupo II

Lê o texto.

História das telecomunicações em Portugal

Em 1877, no ano seguinte ao da descoberta do telefone por Alexander Graham Bell, as primeiras experiências com o aparelho tinham lugar no nosso país, ligando Lisboa e Carcavelos e os observatórios da Escola Politécnica e da Tapada da Ajuda, ambos na capital. Cinco anos depois, arrancavam as primeiras redes públicas nas cidades de Lisboa e Porto, a cargo da
5 empresa privada Edison Gower Bell (mais tarde transferida para a APT – Anglo-Portuguese Telephone).

Em 1904 e 1905, novas redes alargavam-se a outros pontos do país, como Coimbra, Braga e Setúbal, a cargo dos CTT – Correios, Telégrafos e Telefones, empresa pertencente ao Estado. Nos anos iniciais, era ainda escassa a utilidade do telefone junto de empresas, comerciantes
10 e profissões liberais, dada a boa qualidade do existente serviço de telégrafo. A primeira lista telefónica em Lisboa tinha somente 15 subscritores, entre os quais a agência de notícias Havas, os bombeiros voluntários da capital e o hotel Central. Rapidamente aderiam ao serviço o teatro D. Maria II, o Coliseu dos Recreios e o jornal Commercio de Portugal. Pequenas estórias publicadas na imprensa ajudaram a vulgarizar o aparelho, caso da ópera Laureana,
15 escutada pelo rei D. Luís I no sossego do seu lar e não no teatro S. Carlos. Impedido de participar em atos públicos, por luto familiar, o rei pôde ouvir o seu género musical favorito, graças à ligação entre o teatro e o palácio da Ajuda, feita pela companhia de telefones. O lápis de Rafael Bordalo Pinheiro registou o evento para a eternidade. Estava-se em 1884.

A modernidade das telecomunicações nacionais

20 A partir de 1904, estabeleceu-se, por todo o país, um conjunto de redes telefónicas mais modernas. A ligação oficial entre Lisboa e Porto dava-se a 11 de abril desse ano – e, como havia uma só linha, existiam diferentes categorias de prioridade. O rei e os seus ministros tinham acesso imediato; as chamadas com hora previamente combinada saíam mais baratas. Por seu lado, os jornais enviavam despachos por telefone, abandonando lentamente o serviço
25 telegráfico. Embora ainda com assistência de telefonistas, instalavam-se novos equipamentos de comutação, implantavam-se cabos subterrâneos e efetuava-se a interligação entre redes das diferentes cidades do país.

Rogério Santos, in <http://bocc.ubi.pt/pag/santos-rogerio-historia-telecomunicacoes.pdf>
(consultado em 09/10/2018).

1. Para responderes a cada item (1.1. a 1.4.), seleciona a opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

1.1. O telefone chegou a Portugal, a título experimental,

- (A) no ano a seguir à sua descoberta.
- (B) trazido por Alexander Bell.
- (C) trazido por uma escola politécnica.
- (D) por habitantes de diferentes cidades.

1.2. Nos seus primeiros anos em Portugal, o telefone era

- (A) muito utilizado para fins comerciais.
- (B) pouco utilizado porque o telégrafo funcionava bem.
- (C) utilizado apenas para serviços do Estado.
- (D) utilizado apenas ao serviço dos CTT.

1.3. O telefone começou a ser mais divulgado depois de

- (A) o jornal Commercio de Portugal ter aderido à novidade.
- (B) Rafael Bordalo Pinheiro ter desenhado o telefone.
- (C) o rei o utilizar para ouvir uma ópera.
- (D) o rei pedir que viessem do S. Carlos a sua casa cantar.

1.4. Uma vez que só havia uma linha telefónica a ligar Lisboa ao Porto, foi necessário definir

- (A) quem tinha acesso em primeiro lugar.
- (B) quem podia fazer as chamadas mais baratas.
- (C) que os jornais eram os primeiros a enviar notícias.
- (D) que o rei teria de ter telefone para ligar aos ministros.

Grupo III

Lê o texto de opinião que se segue. Em caso de necessidade, consulta as notas.

Sobre atender o telefone

Eu nunca atendo. Tenho a função do toque desligada. É essa a minha hipótese de fuga.

Quando eu aprendi a ser gente, o telefone era um dispositivo que estava atarraxado¹ a uma parede da casa. Não andava atarraxado à pessoa. O *trriiim* sonoro que cantava de dentro do aparelho de cada vez que alguém telefonava oferecia várias saídas ao eventual destinatário do estridente alarme. Uma delas era atender. Mas essa era apenas uma delas, de uma larga paleta de hipóteses. Mais ainda: o dobrar do esganiçado e intermitente sino do apelo telefónico podia ter como alvo qualquer um dos habitantes do domicílio. O que reduzia logo a tal paleta de hipóteses para, em média, um quarto ou um quinto dos vários desfechos

possíveis. Mais ainda: durante largos períodos do dia, ninguém estava em casa. Quando estava
 10 alguém, que não o destinatário do telefonema, o recetor do recado apontava a tentativa de
 contacto, se calhar, num papelinho de recados, oferecendo ao contactando um *lag*² temporal
 precioso para poder decidir quando, como, ou até se queria responder. Havia hipótese de
 fuga, e só assim é que um telefonema se safava de ser uma absoluta indelicadeza. Era
 15 grosseiro não responder, mas o telefonema não era propriamente uma emboscada de beco
 sem saída. Nem era para “conversar”, era caro (gastava períodos³) e ocupava a linha.

Com o avançar inexorável⁴ e impiedoso do progresso tecnológico, os telefones passaram
 a andar agrilhoados⁵ à nossa existência como bola de chumbo acorrentada à canela. Um
 grande número dos constrangimentos do nosso dia a dia foi bastante aliviado por esta
 portabilidade do aparelho. Mas há uma coisa que o não foi: o ónus⁶ da resposta imediata e a
 20 respetiva grosseria socialmente atribuída ao seu incumprimento. Aquele que não atende o
 telefone é o grosseiro, o malcriado. Pois eu tenho para mim que as regras da boa conduta
 social, no aferir do quanto há de grosseiro ou não nas atitudes, deveriam ser pautadas pelo
 bom senso, pelo respeito da liberdade e do bem-estar do outro. Aliás: assim é, e o que é de
 bom-tom hoje deixará de o ser amanhã. Mas neste caso, como ainda teimamos em achar que
 25 o telemóvel é a mesma coisa que o telefone antigo, temos demorado a rever e a atualizar esta
 lei. Eu quase não atendo o telefone. Aquela solicitude de falar imediatamente, de estar
 disponível para uma conversa não solicitada é algo que eu reservo para as pouquíssimas (4 ou
 5) pessoas da minha mais exclusiva intimidade. Tudo o resto (tudo!) fica resolvido com mais
 delicadeza, eficácia, celeridade e concludência através das outras mil maneiras que o mesmo
 30 dispositivo permite. *Sms*, *whatsapps* e *e-mails* deixam rasto (rasto esse que desfaz equívocos
 tardios que possam surgir), dão tempo e espaço a uma resposta mais ponderada, não caem
 no esquecimento (ficam a bold, como que “por ler”). Quem gosta mais de falar do que de
 escrever pode sempre deixar mensagens faladas no *WhatsApp*. Mas telefonar, convenhamos,
 soar um alarme que pede resposta imediata por parte do nosso semelhante, é quase sempre
 35 inconveniente, nos dias atarefados que correm. Eu nunca atendo. Tenho a função do toque
 desligada. É essa a minha hipótese de fuga. [...] Podem telefonar, claro. Mas saibam que é
 uma indelicadeza considerar indelicado não atender.

Miguel Araújo,

in <http://visao.sapo.pt/opinioao/2018-09-13-Sobre-atender-o-telefone> (crónica publicada na VISÃO nº 1331, de 6
 de setembro de 2018, texto com supressões).

Notas

- ¹ **ataraxado**: aparausado, preso; ² **lag**: referente à expressão inglesa *time lag* que significa ‘intervalo de tempo’;
³ **período**: unidade mínima no tempo de uma comunicação telefónica, que tem um custo fixo; ⁴ **inexorável**: rigoroso;
⁵ **agrilhoadado**: acorrentado; ⁶ **ónus**: obrigação.

1. Explica, por palavras tuas, a diferença entre os dois tipos de telefone apresentada nas duas primeiras frases do texto.
2. Indica três vantagens dos telefones de “antigamente”, de acordo com o autor do texto.
3. Refere as desvantagens do telefone de hoje em dia, com base nas informações do final do primeiro parágrafo.

4. Selecciona a opção que completa corretamente cada afirmação.
- 4.1. O recurso expressivo presente no constituinte sublinhado em “os telefones passaram a andar agrilhoados à nossa existência como bola de chumbo acorrentada à canela” (ll.16-17) é uma
- (A) metáfora.
(B) anáfora.
(C) personificação.
(D) comparação.
- 4.2. Segundo o cronista, o bom senso e o respeito pelo outro deviam estar na base do que se considera ser
- (A) a beleza de cada pessoa.
(B) as regras de boa educação.
(C) a decisão de telefonar a alguém.
(D) a regra para atender o telefone.
- 4.3. O cronista deixa uma mensagem final com vista a facilitar as comunicações:
- (A) nunca atendam os telefones.
(B) desliguem a função toque.
(C) enviem mensagens.
(D) telefonem apenas quando não estão atarefados.

Grupo IV

1. Associa as palavras da coluna A ao processo de formação que evidenciam na coluna B.

Coluna A	Coluna B
(A) desligada	(1) derivação por prefixação
(B) tecnologia	(2) derivação por sufixação
(C) dia a dia	(3) composição por radicais
(D) grosseiro	(4) composição por palavras

2. Integra as palavras sublinhadas na frase na caixa correspondente à classe a que pertencem.

“Um grande número dos constrangimentos do nosso dia a dia foi bastante aliviado por esta portabilidade do aparelho.” (ll. 17-19).

Determinante demonstrativo	Determinante possessivo	Nome comum	Adjetivo qualificativo	Preposição	Advérbio



3. Flexiona os verbos apresentados entre parênteses nos tempos e modos indicados.
- a) Eu nunca _____ (*atender*, condicional simples) o telefone, se ele nunca _____ (*tocar*, pretérito imperfeito do conjuntivo).
- b) É importante que tu _____ (*ligar*, presente do conjuntivo) o telemóvel apenas quando necessário.
- c) Nós _____ (*contactar*, pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo) o João quando ele _____ (*chegar*, pretérito perfeito simples do indicativo).
4. Identifica a função sintática do constituinte sublinhado em cada frase.
- a) O meu telemóvel está silencioso.
- b) Quando estou apressado, os telefonemas aborrecem-me.

Grupo V

Escreve um texto narrativo cuja ação demonstre que o telemóvel pode ser muito incómodo.

O texto deve ter um mínimo de 150 e um máximo de 200 palavras.

Cotações

Grupo	Item						
	Cotação (em pontos)						
I	1.2.	1.2.	1.3.	1.4.			
	3	3	3	3			12
II	1.1.	1.2.	1.3.	1.4.			
	3	3	3	3			12
III	1.	2.	3.	4.1.	4.2.	4.3.	
	5	6	6	3	3	3	26
IV	1.	2.	3.	4.			
	4	6	5	5			20
V	Item único						
							30
Total							100

CRITÉRIOS DE CORREÇÃO

Grupo I

- 1.1. (B)
- 1.2. (A)
- 1.3. (C)
- 1.4. (A)

Grupo II

- 1.1. (A)
- 1.2. (B)
- 1.3. (C)
- 1.4. (A)

Grupo III

1. A diferença diz respeito aos telefones fixos, que ficavam em casa das pessoas, e aos telefones portáteis (telemóveis), que as pessoas transportam consigo.
2. Em primeiro lugar, o telefone pertencia a uma casa de família, pelo que o telefonema podia dirigir-se a qualquer pessoa da família. Em segundo, o objeto telefone estava em casa e não andava com a pessoa, pelo que podia tocar quando não estava ninguém em casa. Em terceiro lugar, depois de receber o recado do telefonema, a pessoa contactada podia decidir como, quando ou se queria responder.
3. O telefone de hoje em dia é um problema para quem recebe uma chamada porque a pessoa não tem hipótese de fuga, pois tem de atender. Para piorar a situação, o telefone atual acaba por levar a chamadas longas e, portanto, aborrecidas (o que não acontecia antigamente porque os telefonemas eram caros).
- 4.1. (D)
- 4.2. (B)
- 4.3. (C)

Grupo IV

1.
 - (A) – (1)
 - (B) – (3)
 - (C) – (4)
 - (D) – (2)

2.

Determinante demonstrativo	Determinante possessivo	Nome comum	Adjetivo qualificativo	Preposição	Advérbio
<i>esta</i>	<i>nosso</i>	<i>número</i>	<i>grande</i>	<i>por</i>	<i>bastante</i>

3.
 - a) atenderia; tocasse
 - b) ligues
 - c) tínhamos contactado; chegou
4.
 - a) Predicativo do sujeito.
 - b) Sujeito.

